



## **CULTURA, COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA.**

Victor Mateus Gomes de Godoi  
victormateus45@hotmail.com

### **RESUMO**

Este artigo objetiva analisar de que maneira alunos de inglês, como língua estrangeira, percebem a presença, em seu material didático, dos aspectos sócio-histórico-culturais mais típicos de países de língua inglesa, mormente a Inglaterra. Além disso, também visamos investigar o quanto esses estudantes acreditam que essa forma de abordagem de ensino do inglês pode efetivamente ajudá-los em seu processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa. Para tanto, nos ancoramos, dentre outros, nas pesquisas de VIANA, 2012; FERRARI, 2015; FRANÇA, 2011; SARMENTO, 2001; WALCZUK-BELTRÃO, 2007 e KRAMSCH, 1993. Como metodologia de trabalho, realizamos um questionário com oito (08) alunos, regularmente matriculados em um curso particular de idiomas. Nosso intuito, com tal procedimento, foi o de investigar o quanto essa eventual conscientização do aprendiz, acerca da presença dos supracitados aspectos sócio-histórico-culturais no material didático utilizado em sala de aula, se constitui efetivamente em condição necessária e/ou benéfica para um possível incremento, tanto no avanço do nível de proficiência na língua inglesa como na motivação dos alunos, incentivando-os a dar continuidade aos estudos do inglês. Os resultados de nossa pesquisa, a partir das análises das respostas dos questionários, apontam que a maioria dos alunos respondentes sente-se, de fato, mais interessados, curiosos e instigados a se comunicar no idioma em estudos. Simultaneamente, esses aprendizes em sua maioria também se mostraram bastante motivados a descobrir mais sobre questões outras, que envolvem algumas relevantes características dos falantes de países em que o inglês é a língua materna.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino-Aprendizagem de Língua Inglesa. Aspectos Culturais. Material Didático.

## **CULTURE, INTERCULTURAL COMMUNICATION AND THE TEACHING-LEARNING PROCESS OF THE ENGLISH LANGUAGE.**

### **ABSTRACT**

This article aims at analyzing how students of English, as a foreign language, notice the presence, in their didactic material, of the most typical social, historical and cultural aspects of English speaking countries, mainly those from England. Furthermore, we also aimed at investigating how much these students believe that this kind of English teaching approach may actually help them in their teaching-learning process. For this purpose, we have based our research, among others, on the studies of VIANA, 2012, FERRARI, 2015; FRANÇA, 2011; SARMENTO, 2001; WALCZUK-BELTRÃO, 2007 e KRAMSCH, 1993. As a methodological approach, we administered a questionnaire to eight (08) students, registered in a private language school, which main objective was to analyze how much these learner's awareness of the above mentioned social, historical and cultural aspects, present in their school material, may really be configured as a necessary condition and/or beneficial support for an eventual increase, not only in their language proficiency level, but also as a motivating factor for the student, in their learning process of the English language. Results of our research, derived from the analyses of the responses to our questionnaire, led us to believe that most learners, truly, feel a greater degree of motivation, curiosity and interest in communication in the target language. At the same time, the majority of these learners have also shown strongly instigated in finding out more relevant information about other issues, which involve some characteristics of the speakers of the countries where English is the native language.

**KEYWORDS:** English Language Teaching. Cultural Aspects. Didactic Material.

### **1 INTRODUÇÃO**

Quando se menciona o termo cultura, nos deparamos com uma pluralidade de significados. Isso porque existem várias culturas, e cultura pode significar aspectos distintos para diferentes pessoas. De acordo com Robinson (apud VIAN JUNIOR, 2012), existem três grupos específicos de elementos que a constituem: produtos culturais, ideias e comportamentos. Os produtos culturais estão relacionados às manifestações artísticas, tais como a literatura, o folclore, a arte, a música, etc. As ideias são os valores de crenças, religiosidade e representações ideológicas. Já os comportamentos estão atrelados aos costumes, hábitos, alimentação, vestuário, etc.

Segundo Erickson e Shultz (1997), a cultura divide-se em duas instâncias: a visível e a invisível. A primeira está relacionada a fatores externos, como a forma de se vestir, os tipos de comida, os aspectos climáticos, entre outros. São, portanto, mais fáceis de serem identificados e reconhecidos. Já a cultura invisível é aquela pertencente ao inconsciente de cada indivíduo;

aprendida e assimilada a partir da vivência e desenvolvimento de hábitos em determinada estrutura cultural.

Trinovich (1980, apud ÇAKIR, 2006) define cultura como um sistema amplo que incorpora o comportamento biológico e mecânico dos seres humanos, com seus sistemas verbais e não verbais que se expressam desde o nascimento. Esse “sistema” é adquirido a partir da cultura nativa do indivíduo, e tal processo refere-se à socialização, responsável por definir os padrões aceitáveis ou não da sociedade em que o indivíduo vive.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

A interação não se dá entre os indivíduos de uma sociedade apenas; as diferenças e realidades se cruzam e interagem, e a forma mais comum de interação se dá através de processos comunicativos. Esse processo é o mais desafiador, já que uma relação entre pessoas de culturas diferentes demanda uma compreensão, um vínculo e um sentido recíproco.

Segundo Rizo García (2010, apud FERRARI, 2015, p. 58), “a comunicação intercultural é uma comunicação conflitiva, pois desencadeia interações que nem sempre estão estruturadas para a simetria e o equilíbrio”. Barbosa e Veloso (2007, apud FERRARI, 2015 p. 53) entendem a interculturalidade como um processo comunicacional comum frente a uma necessidade de compreensão mútua entre indivíduos diferentes, que dividem um mesmo espaço e tempo, para atingir determinado objetivo em um contexto específico. Rodrigo Alsina (apud FERRARI, 2015, p.52), afirma que “a interculturalidade faz referência a uma dinâmica que ocorre entre as comunidades culturais”, pois estabelece pontes e provoca o compartilhamento de conhecimentos, saberes e visões de mundo.

Portanto, é necessário perceber a totalidade de cada cultura para, com isso, desenvolver certas competências e habilidades que garantam um diálogo eficiente. Tomalin e Stempleski (apud WALCZUK-BELTRÃO 2007, p.287) chamam uma dessas competências de “consciência intercultural, que, segundo o autor, é composta de três fatores: “a consciência de como o seu próprio comportamento é culturalmente induzido, a consciência de como o comportamento de outras pessoas é culturalmente induzido, e a capacidade de expor, em termos culturais, seu próprio ponto de vista”.

Byram, Gribkova e Starkey (apud WALCZUK-BELTRÃO 2007, p.288) acreditam que o indivíduo deve se tornar um comunicador, estabelecendo uma postura amigável e aberta a

diálogos com pessoas de culturas diferentes. Além disso, Samovar e Porter (2004) defendem a necessidade de que o indivíduo se mostre com uma postura empática, positiva e motivada, a fim de desenvolver uma comunicação eficaz. Para tanto, é fundamental que o sujeito esteja aberto a aprender e adaptar-se às diferenças culturais. Isso se dá porque, segundo Kramsch (2003), não adianta absorver sobre a cultura do outro, a partir de estereótipos e padrões estáticos, pois a experiência de vivenciar o contexto é o que vai permitir o desenvolvimento e sucesso do ato comunicativo. A realidade na qual vivemos hoje é multicultural, plural e diversa, e, portanto, o fato de acompanharmos e sermos parte disso, também pode nos tornar indivíduos comunicativa e interculturalmente competentes.

Ainda é relativamente comum que os aspectos culturais sejam tratados apenas como uma parte do conteúdo linguístico durante as aulas de línguas. A abordagem cultural, nas aulas de língua estrangeira, parece permanecer bastante limitada, em relação à contextualização de hábitos e atitudes da cultura alvo.

Hughes (apud WALCZUK-BELTRÃO, 2007, p.287) topicaliza oito técnicas facilitadoras de práticas utilizadas por professores em sala de aula:

1. Método comparativo	Apresentação de um ou mais elemento, de uma ou mais cultura que sejam diversas daqueles da cultura de origem dos alunos, a fim de propor discussões a respeito das consequências de tais diferenças para a comunicação.
2. Assimiladores culturais	Desenvolvidos por psicólogos sociais, para facilitar o ajuste a outras culturas, consta da descrição concisa de alguma situação onde pode haver desentendimento entre pessoas de culturas diversas, e apresenta ao aluno quatro possíveis explicações para o incidente, das quais apenas uma é, de fato, a correta.
3. Cápsulas culturais	O professor apresenta algum padrão cultural essencialmente diferente daqueles da cultura de origem dos alunos; faz uso de material visual e/ou audiovisual que ilustre tais diferenças e estimula a classe, com perguntas, a fim de discutir sobre o tema.
4. Encenações	A técnica envolve diretamente os alunos em situações de desentendimento intercultural, encenando tais situações na língua estudada. Ao final de cada encenação, geralmente

	revela-se a natureza do problema para a comunicação.
5. “Unidade audiomotora” (ou “ <i>Total Physical Response</i> ”)	Aplicação de comandos orais, cuidadosamente organizados, aos quais os alunos devem responder de forma adequada; este exercício de compreensão auditiva é arranjado de modo que os alunos vivenciem uma experiência cultural.
6. Jornais e outros meios impressos	Muitos aspectos culturais são transmitidos pela mídia impressa; textos de diversas naturezas - informativos, publicitários, editoriais, cômicos, dentre outros, que podem servir, por exemplo, como base para exercícios de comparação intercultural.
7. Meios visuais e audiovisuais	Filmes e <i>slides</i> , por exemplo, oferecem visões de determinadas culturas que podem ser usadas em uma série de atividades.
8. “Ilha cultural”	O professor cria na sala de aula, através de cartazes, fotos e murais, um ambiente que funciona como uma “ilha cultural”, chamando a atenção dos alunos e estimulando comentários e discussões.

Quadro 1: Técnicas facilitadoras para a prática da interação cultural, utilizadas por professores em sala de aula.

Com efeito, vemos que existem possibilidades e opções de aprendizagem, as quais partem justamente do professor, ao criar um ambiente que provoque discussões, experiências, reflexões, e desperte a curiosidade do aluno sobre a língua e a cultura alvo. Por isso, é importante haver autenticidade de diversos materiais que somem ao conteúdo pedagógico. Em assim ocorrendo, o aprendiz deverá ser estimulado a fazer comparações e assimilações críticas, que resultem no aperfeiçoamento da habilidade de perceber a significância dos fatores interculturais.

Em nossa visão, o professor, por seu turno, em vez de apenas acompanhar o progresso dos alunos nesse aspecto, também deve abrir espaço para que os aprendizes reflitam e, assim, sejam capazes de realizarem autoavaliações sobre seu próprio desenvolvimento durante as aulas. Essa prática vai muito além da mera aquisição linguística de uma segunda língua, porquanto promove a consciência da necessidade de um enriquecimento pessoal e do respeito

às diferenças entre as mais variadas formas de organização social e cultural no mundo contemporâneo.

Entender a diferença entre culturas, na aquisição da língua inglesa, não significa entender apenas os aspectos culturais de países nos quais seus habitantes são, em maioria, falantes nativos dessa língua. Estamos sujeitos a nos deparar com falantes de diversos países do mundo, e que também têm o inglês como língua estrangeira. Keys (apud SARMENTO, 2001) aborda sobre uma estimativa de que 70% de toda comunicação em inglês aconteça entre falantes não nativos de países de língua inglesa. Esses contextos podem oscilar entre ambientes específicos, como em restaurantes e escolas, ou outros contextos interacionais; entre pessoas de diferentes perfis socioculturais (como garçons, estudantes, professores, empresários, profissionais liberais, dentre tantos), e suas respectivas ações e tempo.

Portanto, essa habilidade de inserir-se adequadamente em cada situação é o que Thomas (apud SARMENTO, 2001) entende como competência comunicativa intercultural. Para tanto, é necessário que além de conhecimento morfosintático da língua estrangeira, o aluno também conheça as características mais comuns e regras culturais das pessoas pertencentes àquela cultura alvo.

Muitas vezes, o ensino multicultural coloca ênfase em situações que acabam estereotipando certas culturas, por apenas demonstrar os aspectos que são visíveis e explícitos, como, por exemplo, a própria língua e religião. Kramsh (1993, p. 205) aponta para quatro linhas de pensamento, abordando a linguagem como prática social:

a) Estabelecimento de uma esfera de interculturalidade: deve existir uma reflexão entre e sobre a cultura nativa e a cultura alvo; os aspectos linguísticos e sociais não devem ser simplesmente estabelecidos e transferidos.

b) Ensino da cultura como um processo interpessoal: deve haver um entendimento sobre o que acontece em uma cultura diferente, visto que o sentido é espontâneo em interações sociais, e não é suficiente o ensino de questões de normas gramaticais em situações preestabelecidas.

c) Ensino da cultura como diferença: perceber as diversas características nacionais junto a outros fatores, como idade, gênero e classe social, também é de suma importância, uma vez que as etnias são múltiplas e crescentes dentro de uma sociedade.

d) Atravessar limites disciplinares: como educadores, é necessário ir além do que é reconhecido academicamente na área de ensino de línguas. É necessário também buscar estudos de cientistas sociais e sociolinguísticas, tanto na língua nativa quanto na língua-alvo.

### 3 RESULTADOS

Antes de adentrarmos nos resultados obtidos em nosso trabalho, importa salientar que o instrumento de pesquisa foi aplicado em uma escola particular de idiomas, localizada na cidade de Garanhuns – PE, no ano de 2020. A referida instituição já possui mais de 15 anos de existência, e tem adotado a conhecida abordagem comunicativa, segundo a qual as aulas devem ser ministradas 100% em inglês pelo professor. O curso vem trabalhando em parceria com a Editora Oxford, que produz material didático majoritariamente voltado para o contexto comunicativo entre falantes do Inglês Britânico.

Ao iniciar a etapa das análises dos dados, procuramos demonstrar, em um dos questionamentos feito aos participantes da pesquisa, o tempo total de estudo da língua inglesa na escola de idiomas na qual estavam matriculados à época do projeto de pesquisa. Os resultados mostraram que o tempo de estudos na instituição varia entre um mínimo de seis (06) meses até sete (07) anos de estudos.

Estes dados mostraram-se relevantes, particularmente ao analisarmos o gráfico a seguir, em que o questionamento aos alunos busca sondar o grau de percepção deles sobre a presença de elementos históricos, sociais e culturais relativos à Inglaterra, no material didático usado no curso:

1. Você percebe a presença de elementos históricos, sociais e culturais sobre a Inglaterra no material didático usado no curso?

8 responses

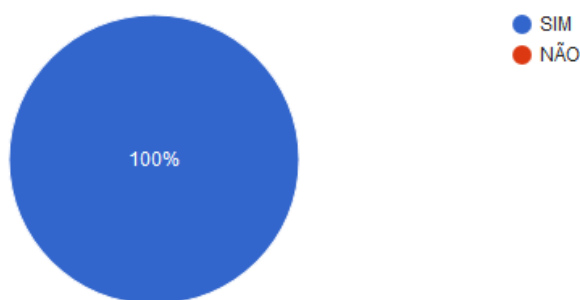


Gráfico 1 - Demonstração sobre a percepção dos sujeitos da pesquisa sobre a presença de elementos históricos, sociais e culturais relativos à Inglaterra, no material didático usado no curso. Fonte: *printscreen* das respostas dos questionários no *Google Forms*

Como podemos observar, dos oito (08) alunos que responderam ao questionário (incluindo-se os alunos com mais tempo de estudos até os mais novatos na escola), 100% deles afirmam perceber a presença de tais aspectos, no material didático adotado pelo curso.

No próximo gráfico, cabe analisar também em quais das habilidades, investigadas no questionário, ou seja, *grammar* (conhecimento gramatical), *listening* (compreensão auditiva), *speaking* (produção de fala), *writing* (produção textual escrita) e *reading* (leitura), os alunos percebem uma maior recorrência destes aspectos.

## 2. Em qual(is) habilidade(s) você mais percebe a presença desses aspectos?

8 responses

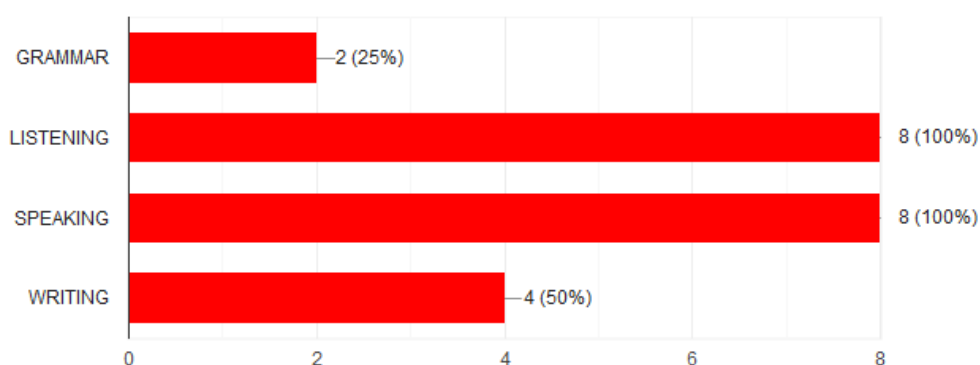


Gráfico 2 - percepção dos sujeitos da pesquisa sobre a recorrência de aspectos sócio, histórico e culturais nas habilidades estudadas. Fonte: *printscreen* das respostas dos questionários no *Google Forms*

Já no quadro 2, apresentado subsequentemente, é possível identificar as percepções individuais de cada sujeito da pesquisa sobre esta questão:

Sujeitos da pesquisa (iniciais)	Habilidades			
	Grammar	Listening	Speaking	Writing
S. A.	X	X	X	X
C.H.		X	X	
Y.G.		X	X	X
N. J.		X	X	
L.D.R.		X	X	X
S. T.		X	X	X
H.A.	X	X	X	
A.T.B.		X	X	



Quadro 2 – Percepção individual dos sujeitos da pesquisa sobre a presença de aspectos históricos, sociais e culturais nas habilidades investigadas.

Foi possível verificar, com o resultado dessa questão, que 100% dos alunos identificam aspectos históricos, sociais e culturais da Inglaterra com mais recorrência nas habilidades de *listening* (compreensão auditiva) e *speaking* (produção de fala).

Esse dado torna-se aparentemente significativo para nossa pesquisa, pois nos faz refletir sobre a possibilidade de haver algum tipo de associação, por vezes estereotipada, do inglês falado na Inglaterra ao sotaque britânico, que é reconhecido internacionalmente como um falar mais carregado, forte e pomposo da língua. Quanto às habilidades de *writing* (produção textual escrita) e de *grammar* (conhecimento gramatical), embora se saiba da existência de diferenças na grafia de algumas palavras da língua inglesa, como por exemplo, no inglês britânico tem-se *Centre* e, no inglês americano, a grafia *Center*, apenas 50% e 25 % dos alunos dizem perceber a presença dos aspectos investigados nas habilidades de *writing* e *grammar*, respectivamente.

No próximo gráfico podemos analisar, a partir do questionário aplicado, as razões pelas quais os aprendizes sentem-se motivados a conhecer mais e melhor sobre os aspectos sócio-histórico-cultuais da Inglaterra, enquanto aprendem o idioma falado nesse país.

### 3. Quais são as questões que mais lhe motivam a aprender sobre os aspectos sócio-histórico-cultuais da Inglaterra enquanto aprende o idioma falado nesse país?

8 responses



Gráfico 3 - Demonstração das questões que mais motivam os sujeitos da pesquisa a conhecer mais e melhor sobre os aspectos sócio-histórico-cultuais da Inglaterra, enquanto aprendem o idioma falado nesse país. Fonte: *printscreen* das respostas dos questionários no *Google Forms*.

A fim de ratificarmos os dados anteriores, apresentamos o quadro 3, contendo a percepção individual dos sujeitos sobre a presença de aspectos históricos, sociais e culturais nas habilidades investigadas.

Quais são as questões que mais lhe motivam a aprender sobre os aspectos sócio-histórico-culturais da Inglaterra enquanto aprende o idioma falado nesse país?				
Sujeitos da pesquisa (iniciais)	Para viajar a turismo	Trabalhar e estabelecer moradia fixa	Comunicar-se melhor com as pessoas do país	Habituar-se e adequar-se sobre os costumes do país
S. A.	X	X	X	X
C.H.	X		X	
Y.G.	X	X	X	X
N. J.	X	X		
L.D.R.	X	X	X	
S. T.	X	X	X	X
H.A.	X	X	X	X
A.T.B.	X	X	X	

Quadro 3 - Percepção individual dos sujeitos da pesquisa sobre o que mais os motiva a aprender acerca dos aspectos históricos, sociais e culturais da Inglaterra, enquanto aprendem a língua materna do país.

Como podemos identificar 100% dos sujeitos (08 alunos) reportam que o fator que mais os motiva a aprender sobre tais aspectos é a chance de viajar a turismo. Por outro lado, 87.5% (07 alunos) dizem que sua maior motivação é a de trabalhar e estabelecer moradia fixa no país em que o inglês é a língua mãe. Em um total também de 87% (07 alunos) a motivação principal é a de descobrir sobre os referidos aspectos, com o intuito de comunicarem-se melhor com as pessoas do país. Por fim, vale destacar que metade dos participantes da pesquisa (04 alunos) deseja habituar-se e familiarizar-se mais com os costumes do país.

Acreditamos que essa questão é uma das mais reveladoras para as análises dos dados de nossa pesquisa, especialmente no que concerne à competência e comunicação intercultural. Justifica-se nossa conclusão por percebermos que muitos alunos sentem-se motivados a aprender o idioma de um país e, simultaneamente, atrelar esse aprendizado ao conhecimento dos aspectos sócio-histórico-culturais desse país.

O gráfico seguinte ilustra a resposta dos alunos a outra pergunta relevante da pesquisa, a saber: se eles acreditam que o tipo de prática/abordagem, na qual frequentemente se relaciona ao ensino do inglês aos aspectos de ordem histórica, social e cultural da Inglaterra, poderia

ajudá-los e facilitar o processo de ensino-aprendizagem do idioma. Entendemos serem essas duas últimas perguntas de grande relevância para nosso trabalho, por investigarem se, efetivamente, essa prática/abordagem de ensino resultaria em um maior grau de motivação para o aprendizado da língua alvo.

4. Você acredita que essa prática/abordagem de ensino do Inglês, em que se relaciona a língua aos aspectos históricos, sociais e culturais da Inglaterra, o/a ajuda e o/a motiva na aprendizagem do idioma?"

8 responses

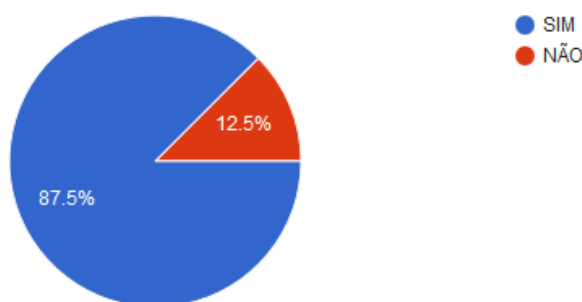


Gráfico 4 - Demonstração da crença dos sujeitos da pesquisa sobre o tipo de prática/abordagem ajudá-los no processo de aprendizagem do idioma. Fonte: *printscreen* das respostas dos questionários no *Google Forms*.

Conforme nossas análises, 87,5% dos sujeitos da pesquisa (07 alunos) afirmaram acreditar que esse tipo de prática/abordagem de ensino da língua em estudo os ajuda e os motiva na aprendizagem do idioma, enquanto apenas 12,5%, (01 aluno) não considera que essa modalidade de ensino interfira significativamente em seu percurso de aprendizagem.

No questionário, essa pergunta também solicitava uma justificativa do aluno. Ou seja, cada aprendiz, com suas próprias palavras, teria a chance de desenvolver suas razões e nos prover com mais informações e dados. No quadro a seguir, planificamos as justificativas dos sujeitos da pesquisa para a referida questão.

Você acredita que esse tipo de prática/abordagem, relacionando o inglês junto aos aspectos sociais, históricos e culturais da Inglaterra, o ajuda na aprendizagem do idioma?		
Sujeitos da pesquisa (iniciais)	Sim / Não	Por quê?
S. A.	Sim	<i>“porque estudamos o inglês britânico e fica mais fácil aprender vendo a cultura do país”</i>

C.H.	Não	<i>“não exatamente porque também posso aprender sem estudar sobre um país”</i>
Y.G.	Sim	<i>“sim porque aprendemos mais naturalmente”</i>
N. J.	Sim	<i>“porque fica mais interessante estudar a língua estudando a cultura do país”</i>
L.D.R.	Sim	<i>“sim porque aprendemos sobre as duas coisas ao mesmo tempo, a língua e a cultura”</i>
S. T.	Sim	<i>“a aprendizagem faz mais sentido estudando os costumes do país”</i>
H.A.	Sim	<i>“porque conseguimos aprender mais sobre os costumes, os hábitos junto do inglês”</i>
A.T.B.	Sim	<i>“sim porque aprendemos duas coisas ao mesmo tempo, mas prefiro os Estados Unidos”</i>

Quadro 4 - Resposta individual dos sujeitos da pesquisa sobre a crença na eficácia dessa prática/abordagem de ensino para a aprendizagem do idioma.

Conforme podemos verificar, justificativas recorrentes dos alunos, tais como: *“fica mais fácil aprender vendo a cultura do país”*, *“aprendemos mais naturalmente”* e *“a aprendizagem faz mais sentido”* demonstram que realmente parece existir uma influência positiva na aprendizagem do inglês, quando esta se dá atrelada a certos aspectos históricos, sociais e culturais da Inglaterra. Isso porque esse tipo de prática pode facilitar e promover uma assimilação e contextualização dos aspectos linguísticos estudados durante o processo de aquisição de uma língua estrangeira.

As justificativas também ilustram um aspecto relevante, em relação a um possível aproveitamento mais satisfatório dos alunos, no que se refere especificamente ao processo de descobrir e conhecer melhor algumas questões históricas, sociais e culturais da Inglaterra. Em outras palavras, não se restringem a apenas os objetivo de proporcionar ao aluno um aprendizado morfossintático da língua estrangeira.

Ressalta-se essa conclusão ao analisarmos a justificativa dada pelo sujeito da pesquisa A.T.B. quando este nos informa: *“sim, porque aprendemos duas coisas ao mesmo tempo, mas prefiro os Estados Unidos”*. Com esse depoimento, ATB nos faz refletir sobre a possibilidade de um aprendiz de língua estrangeira de fato acreditar que esse tipo de abordagem poderá eventualmente facilitar a aquisição de um acervo mais amplo de conhecimentos sobre os diferentes locais onde se fala uma dada língua materna. Além disso, vale ressaltar o interesse desse aluno em relação aos Estados Unidos.

Ainda que aparentemente demonstre certo desinteresse quanto à Inglaterra, que é o país explorado pelo livro didático e pela abordagem da escola, pode-se averiguar que existe, por parte de alguns aprendizes, a preferência por um determinado país. Tal realidade também pode se converter em fator motivador para o bom êxito no aprendizado da língua.

Finalmente, apenas um dos sujeitos entrevistados desacredita que esse tipo de prática/abordagem poderia ajudá-lo e facilitar o processo de ensino-aprendizagem do idioma. Segundo sua justificativa, C.H. afirma que essa abordagem não necessariamente poderia lhe ser útil, porque haveria a possibilidade de aprender uma língua estrangeira sem, forçosamente, vincular esse aprendizado a aspectos outros que não apenas o conhecimento morfossintático da língua. Contudo, após as análises das respostas dos alunos, isso deverá ocorrer, mais frequentemente, quando tal aprendizado também estiver visando um contexto de vida futura, no qual o indivíduo deverá enfrentar situações reais de comunicação, em que a convivência ou até mesmo a sobrevivência em um país estrangeiro dependerá, em larga escala, da capacidade do aprendiz de interagir satisfatoriamente com os falantes desse país.

#### **4 CONCLUSÕES**

Em que pese a relevante função do docente de línguas, especialmente como de mediador e incentivador da aprendizagem de línguas estrangeiras, nossa visão é a de que não deverá ser papel do professor de línguas o de introduzir comportamentos de forma estereotipada aos alunos. Isto porque inúmeras situações podem surgir de forma imprevisível e, muitas vezes, acontecem em circunstância mais específicas e peculiar, de acordo com o lugar e as pessoas. Obviamente, o professor precisa ter um conhecimento relativamente abrangente sobre importantes aspectos culturais relativos à língua estrangeira em estudos, para provocar tais reflexões em determinados contextos interacionais. Por essa razão, entendemos que deva haver um sólido planejamento de ensino, no qual se incluam também pesquisas prévias sobre a cultura dos indivíduos (falantes da língua-alvo), a fim de que o professor tenha recursos suficientes para elaborar planos de aula adequados e com antecedência.

Por outro lado, também reconhecemos, como responsabilidade maior do professor de línguas a de incentivar os aprendizes a se apropriarem das mais variadas formas de se expressar, em meio às eventuais confrontações, oriundas das diferenças culturais entre os falantes. Além disso, o professor ainda deveria estimular seus alunos a interpretarem os significados da cultura

alvo, a fim de dar-lhes suporte e orientação, para que, eventualmente, possam se tornar cada vez mais independentes e responsáveis por seus próprios atos de fala.

Espera-se, com isso, que os aprendizes de línguas estrangeiras tornem-se gradativamente usuários competentes e conscientes, não somente os aspectos linguísticos da língua em estudos, mas também das questões culturais que a constituem. Para tanto, estes aprendizes precisam desenvolver uma visão mais tolerante, aberta, flexível e consciente de seu próprio comportamento linguístico em contextos interacionais, onde haja diversidade cultural e, desta forma, perceber e saber lidar adequadamente com possíveis interferências de fatores socioculturais sobre tais interações comunicativas entre falantes, oriundos de culturas distintas.

## 5. REFERÊNCIAS

ÇAKIR, I. **Developing Cultural Awareness in Foreign Language Teaching**. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED494346.pdf> Acesso em: jul. 2006.

ERICKSON, F., e SHULTZ, J. **The counselor as gatekeeper: social interaction in interviews**. New York: Academic Press. 1997.

FERRARI, M. A. Comunicação intercultural: perspectivas, dilemas e desafios. In: **Comunicação, interculturalidade e organizações faces e dimensões da contemporaneidade** [S.l: s.n.], 2015. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002731759> Acesso em: jul. 2019.

KRAMSCH, C. **Context and Culture in language Teaching**. New York: Oxford University Press, 1993.

\_\_\_\_\_. “Teaching language along the faultline”. Em: D. L. Lange e R. M. Paige (coord.) **Culture as the core: perspectives on culture in second language learning**. Greenwich (Connecticut), Information Age Publishing: 19-35. 2003.

SARMENTO, S. **O ensino de cultura na aula de língua estrangeira: o discurso e a prática do professor**. Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/69883>. Acesso em jul. 2019.

VIAN, J. O. **Língua e cultura inglesa** / Orlando Vian Jr. - 1.ed., rev. - Curitiba, PR : IESDE Brasil, 2012.

WALCZUK-BELTRÃO, A. C. **Comunicação intercultural: novo caminho para as aulas de língua estrangeira**. ITINERARIOS, Vol. 6/2007. Disponível em: <http://itinerarios.uw.edu.pl/comunicacao-intercultural-novo-caminho-para-as-aulas-de-lingua-estrangeira>. Acesso em jul. 2019.